O PEQUENO REFORMADOR

Teatro Infantil de Roberto Villani

CENÁRIO

Um recanto de praia deserta.

PERSONAGENS:

O REFORMADOR	Um ser extraterreno, na forma de um menino.
O HOMEM	Inicialmente, um vagabundo.
A FLOR	
O PEIXE	
O CÃO	
O LEÃO	
A RAINHA	Um ser extraterreno, na forma de uma mulher serena e altiva.

PRIMEIRO ATO

CENA I

(Reformador, Homem, Flor, Peixe)

O Homem está deitado sob a árvore. O Peixe também se mantém imóvel, deitado, mais ou menos no centro do cenário. A Flor, de pé, completamente imóvel, situa-se ao lado do Homem.

REFORMADOR	-	(entra na ponta dos pés, e aproxima-se do homem): Ei, coisa, deixa-me ver como você é!
HOMEM	-	(movimenta-se um pouco e volta a aquietar-se).
REFORMADOR	-	(sacode o Homem, novamente): Levanta.
HOMEM	-	(começa a despertar, espreguiça, boceja, olha para o Reformador): Me deixa-me em paz! Quero dormir... (boceja) Vai embora. (vira-se para o outro lado).
REFORMADOR	-	(sacode-o) Coisa, levanta! Quero ver você.
HOMEM	-	(olha-o surpreso, mas volta a aconchegar-se).
REFORMADOR	-	Como você é teimosa, coisa! Fique de pe!
HOMEM	-	(Irritado): Vai embora, garoto. Te manda. Me deixa dormir.
REFORMADOR	-	Deixo se você se levantar, (pausa). Por que você me chamou de garoto?
HOMEM	-	(De costas, ainda deitado, sem olhar para o Reformador): Porque você é um garoto. (ergue-se rapidamente, olha bem para o Reformador). Oh, você é apenas um garoto. Cai fora! (quer deitar-se, mas o Reformador o segura).
REFORMADOR	-	O que é um garoto?
HOMEM	-	Um garoto?! Ora, um menino, um guri... Você!

REFORMADOR - Ainda não entendi. Mas não faz mal. Só quero saber que coisa você é...

HOMEM - Coisa?!

REFORMADOR - Sim, que coisa você é?

HOMEM - Um homem, não está vendo?

REFORMADOR - (examinando-o) Hum! Um homem. Engraçado como você é feito.

HOMEM - Sou igual a você. Só que você é pequeno e eu já sou grande...

REFORMADOR - Não sou igual a você.

HOMEM - Não?! Como, assim? Estou te vendo. É igualzinho...

REFORMADOR - São os teus olhos que me veem assim.

HOMEM - (senta-se ao chão): Não sei o que você fala. Vai embora, cara!

REFORMADOR - Falo a tua língua. Mas você parece não me entender...

HOMEM - (deitando-se) E não entendo. Quero dormir.

REFORMADOR - (pensativo): Será que eu não aprendi direito?

HOMEM - O que você não aprendeu?

REFORMADOR - A tua a língua. Você não me entende...

HOMEM - (volta a sentar-se): Você não é deste país?

REFORMADOR - Não. Nem deste mundo.

HOMEM - (volta a deitar-se): Ora, você é um pequeno louco.

REFORMADOR - O que é um louco?

HOMEM - Deixa-me dormir, já disse.

REFORMADOR - O que é um louco?

HOMEM - Está bem... Louco é um homem que não regula bem... Que não funciona.

REFORMADOR - (indignado): Mas, eu funciono! (pausa) O que é funciono?

HOMEM - Bah!

REFORMADOR - O que é funciono?

FLOR - Deixe-o pequeno. Ele quer descansar.

REFORMADOR - (corre à flor): Então, diz você o que é louco e funciono.

FLOR - Louco é um ser que não pensa direito.

REFORMADOR - E funciono?

FLOR - Funcionar, nesse caso, é fazer as coisas de modo certo.

REFORMADOR - Quando se sabe quando se faz as coisas de modo certo?

FLOR - Quando se faz como todos os outros que pensam direito o que fazem.

REFORMADOR - Agora entendi. Você fala bem. (pausa) Mas, quem você é?

FLOR - Uma flor.

REFORMADOR - E para que serves?

FLOR - Para enfeitar a vida dos homens...

REFORMADOR - Ah, compreendo... (pausa) Não te moves?

FLOR - Não posso.

REFORMADOR - Por que?

FLOR - Sou assim. Estou presa à terra. Cresço e morro no mesmo lugar. Não posso buscar alimento. Se me molham, vivo. Se me esquecem, morro.

REFORMADOR - É triste a tua vida. Tenho pena de você.

HOMEM - (ainda deitado) Cai fora, garoto! Deixa-nos em paz!

REFORMADOR - (Para o Homem): E lá vem você com o garoto. Não sou garoto. Sou reformador.

HOMEM - (ri): Reformador? Qual! É um cara debilóide, louco, louco.

FLOR - Não zombe, homem. É ainda um pequeno.

HOMEM - Até você está maluca. O jeito é dormir. Ah, como é bom dormir.

REFORMADOR - (Para a Flor): Será que ele só pensa em dormir?

FLOR - Nem sempre. Às vezes, pensa em destruir, fica muito mau, de repente. É quando não pensa direito.

REFORMADOR - Então, só os que dormem não são loucos?

FLOR - Oh, não! Há os que trabalham.

REFORMADOR - Mas, você me disse que acordado ele não pensa direito.

FLOR - Eu te disse que às vezes ele não pensa direito.

REFORMADOR - É quando fica louco. (olha triste para o Homem)

FLOR - Mais ou menos.

REFORMADOR - (olhando para o Peixe): Que é aquilo?

FLOR - É um peixe. Animal que vive na água.

REFORMADOR - Ah, sim. Já ouvi falar dele. (aproxima-se do peixe e olha-o bem de perto): Mas, este vive na areia. E não se move como você .

FLOR - Ele está morto.

REFORMADOR - O que é estar morto?

FLOR - É não ter mais vida. Não respirar, não ouvir, não falar... Ele vai apodrecer, ficar feio e mal cheiroso.

REFORMADOR - (abaixa-se): Coitadinho. Tenho pena dele como tenho de ti. Não pode mover-se (fica de cócoras): Gostaria que ele voltasse a viver! (o Peixe dá um pulo, derruba o Reformador, que cai sentado, e põe-se a debater-se).

FLOR - Acho que ainda não tinha morrido.

REFORMADOR - Não! Eu o reformei, de morto para vivo. Mas, por que ele não pára?

FLOR - Não pode respirar. Está fora da água. Vai morrer...
REFORMADOR – Pois eu gostaria que ele respirasse, mesmo fora da água.

PEIXE - (pára de se debater, olha-se todo, surpreso): Ué, eu estava morto?

REFORMADOR - Eu te reformei. Agora viverás mesmo fora da água.

FLOR - Fantástico! Como você fez isso?

REFORMADOR - Eu sou reformador, já disse. Posso reformar tudo o que considero errado. Achei que um peixe morto era errado...

PEIXE - Obrigado, amigo.

REFORMADOR - (comove-se) Há muito tempo ninguém me chamava de amigo.

FLOR - Pois se alegra você, eu também sou sua a amiga.

REFORMADOR - Verdade?

REFORMADOR - Então... Gostaria que você pudesse andar, como o Homem.

FLOR - (põe-se a andar, pular, exultante): Veja, veja! Eu posso até correr! (ajoelha-se aos pés do Reformador): Obrigada. Eu te quero muito.

REFORMADOR - (passa as mãos nos olhos. Está comovido) É tão bom ter amigos...

PEIXE - Pois já tens dois. Logo, terás muito mais.

REFORMADOR - Não quero muitos. Quero poucos, mas amigos.

FLOR - Diga-me, Reformador, de onde você vem?

REFORMADOR - De muito longe.

PEIXE - Que poderes você tem?

REFORMADOR - Não tenho poderes. Sou apenas um reformador.

FLOR - Você é um pequeno sábio.

- pequena pausa -

REFORMADOR - Vamos brincar de roda?

FLOR - E você sabe brincar?

REFORMADOR - Sou um pequeno, você mesma o reconheceste.

PEIXE - Eu quero. Sempre quis brincar como as crianças.

- Os três põem-se a brincar de roda. Cantam a Ciranda. Com o barulho, o Homem passa a despertar. Olha, espantado, para os três, dá um salto, pondo-se de pé).

HOMEM - É espantoso! (sacode a cabeça): Não, não estou sonhando. É real! (aproxima-se dos três, que estão ainda brincado de roda): Que aconteceu?

PEIXE - (sem deixar de brincar) Ele me reformou! Pôs-me vivo.

FLOR - (também rodando): A mim também. Pôs-me andante.

HOMEM - (deslumbrado) Você é milagroso?

REFORMADOR - Não, sou reformador.

HOMEM - Poderia fazer alguma coisa por mim?

REFORMADOR - (ainda na roda): Quem sabe!

HOMEM - Eu queria pouco, sabe. Muito pouco.

REFORMADOR - (para a Flor e o Peixe): Vamos sentar? (todos os três sentam-se no chão. O Reformador fica no meio).

FLOR - (para o Homem): Não peça nada. É feio.

PEIXE - Concordo. Deixe que ele descubra o que você quer.

REFORMADOR - Eles tem razão. Se você me pedisse, eu não teria força para te reformar. É do regulamento.

HOMEM - Ora, deixe esse regulamento prá lá.

FLOR - Não insista.

REFORMADOR - O regulamento é severo. Eu não poderia.

PEIXE - (para o Homem): Ele descobrirá.

HOMEM - Quando?

PEIXE - Logo que te fizeres amigo dele.

FLOR - Isso mesmo. Quando você provar que é amigo dele.

HOMEM - (pensa um instante. Depois, dá um estalo com os dedos): Pois bem, vou provar a você que sou teu amigo.

REFORMADOR - Que vai fazer?

HOMEM - Jogar-me na água. Afogar-me. Queres prova melhor? Morro por ti.

FLOR - Não iluda o Reformador, Homem.

HOMEM - Mas, eu não o estou iludindo. Farei isso mesmo, duvida?

REFORMADOR - Não precisa de tanto. Basta ter paciência. Espera.

HOMEM - Esperar até quando?

PEIXE - Até que o Reformador resolva.

CENA II

(Reformador, Homem, Flor, Peixe, Cão)

CÃO - (Entra, apoiado numa muleta): Ai de mim, que sofro tanto. Ai de mim, pobre cão vira-lata com uma perna de pau.

REFORMADOR - (ergue-se e vai ao encontro do cão): Como te chamas?

CÃO - Nem nome eu tenho. Sou um cão vadio. Não tenho dono. Ai de mim...

REFORMADOR - Mas, todos têm nome.

CÃO - Quando lhes dão um nome. E eu nem dono tenho...

FLOR - Pobre cão!

PEIXE - Se eu pudesse, ficaria contigo. Seria teu dono.

HOMEM - (Para o Reformador): E o meu caso?

REFORMADOR - (Para o Homem): Já te disse para esperar.

FLOR - A paciência é uma virtude.

CÃO - Ai de mim, um perna de pau...

REFORMADOR - (Ao Cão): Eu poderia ser teu dono?

CÃO - (Contente): Claro! As crianças são os melhores donos.

REFORMADOR - Então, sou teu dono.

CÃO - (Exultante, larga a muleta, abrindo os braços e tomba).

(A Flor, o Peixe e o Reformador correm a ajudá-lo a levantar-se)

CÃO - (Enquanto é reerguido): Ai de mim... Perna de Pau...

FLOR - (Para o Reformador): Agora que você se tornou dono do Cão, precisa dar-lhe um nome.

PEIXE - (Para a Flor): Tens razão. Um bom nome.

REFORMADOR - (Para o Homem): Você que está tão calado, não conheces um bom nome?

HOMEM - Para ele, só um. Perna de pau! (desata a rir).

REFORMADOR - Não deve apontar o defeito dos outros. Nem rir do mal alheio. Isto é horrível.

FLOR - Assim, não conquistas a amizade do Reformador.

HOMEM - Mas, afinal, ele é perneta.

REFORMADOR - Pois vou reformá-lo. Gostaria que o Cão pudesse andar sem a muleta.

CÃO - (deixa cair a muleta): Vejam, posso parar de pé. Não caio. (Pega nas mãos do Reformador): Oh, meu dono, como você é bondoso.

REFORMADOR - Reformo o que está errado.

PEIXE - E o nome?

FLOR - Sim, o nome. Eu sugiro Bobe.

PEIXE - E eu, Rex.

HOMEM - (Com desdém): Eu não sugiro nada. A mim, ninguém reforma.

REFORMADOR - Não. Nenhum desses nomes serve. Ele pode pensar. E escolher. (para o Cão): Que nome você quer?

CÃO - Lorde.

HOMEM - (Com desdém): Lorde? Que belo nome...

PEIXE - É um nome.

FLOR - Se ele gosta, é bonito.

CÃO - (sonhador): Eu gosto. É o nome dum meu conhecido, É um cão de raça.

REFORMADOR - Oh, então tens um amigo...

CÃO - Ele não é meu amigo. Apenas eu o admiro. Gosto de olhar para ele.

FLOR - Por que?

CÃO - Não sei. É bem tratado pelo dono, sabe. Não liga muito para mim. Na verdade, nem me olha quando passo por ele.

PEIXE - Orgulhoso.

HOMEM - Mas, ele pode ser orgulhoso.

REFORMADOR - Não é bom ser orgulhoso.

CÃO - Mas ele é. Ai de mim, perna de pau... Opa, agora não sou mais. E tenho dono, também. E tenho um nome. Lorde... (com reverência): Senhor Lorde.

HOMEM - (Com desdém): Senhor... (para o Reformador): Você já reformou todos, só a mim que você esquece.

REFORMADOR - Quando você for sincero e amigo, reformo-te.

HOMEM - Mas, eu sou amigo. E sincero, você não pode negar.

REFORMADOR - Sentes inveja dos outros. Não podes ser sincero. Acalma-te.

FLOR - Vamos comemorar?

REFORMADOR - O que?

FLOR - O progresso do Cão.

PEIXE - Isso!

CÃO - Oh, não se incomodem...

REFORMADOR - Vamos sim. E como.

HOMEM - Posso dar uma idéia?

FLOR - Desde que seja sensata.

PEIXE - Não venhas com bobagens.

HOMEM - Poderíamos cantar.

REFORMADOR - É uma boa idéia.

PEIXE - E o que iríamos cantar?

REFORMADOR - Perguntemos ao Cão.

CÃO - Prefiro música moderna.

FLOR - E eu também.

HOMEM - Tenho um violão, ali atrás da árvore.

PEIXE - Sabe tocar?

HOMEM - Arranho um pouco...

REFORMADOR - Então, o que esperas. Anda. Vai buscar o violão.

- (O Homem caminha para a árvore, enquanto os demais sentam-se ao chão, em semicírculo. O Homem volta com o violão, senta-se entre os outros e põem-se todos a cantar uma música moderna. O Cão, desafinado foge ao tom espalhafatosamente).

CENA III

(Todos da cena anterior, mais a Rainha)

- (O grupo, menos a Rainha, estão cantando. A Rainha aproxima-se, lentamente, sem ser percebida. Ouve, imóvel, durante alguns segundos, até que o Reformador e os demais notam a sua presença).

REFORMADOR - (Ergue-se, como um autômato, aproxima-se da Rainha e ajoelha-se aos seus pés, com reverência).

RAINHA - É bom ver-te.

REFORMADOR - (Ainda ajoelhado): Bondosa Rainha.

RAINHA - Ergue-te. Quero olhar-te nos olhos.

REFORMADOR - (Ergue-se e fica imóvel diante da Rainha)

RAINHA - Por que fugistes?

REFORMADOR - Precisava.

RAINHA - Há muito te procuro.

REFORMADOR - Perdoa-me.

RAINHA - Que fizeste de mal?

REFORMADOR - Perdi os amigos de lá.

RAINHA - Por que não me procuraste?

REFORMADOR - Não queria te incomodar...

RAINHA - Não me incomodarias. Que fizeste afinal?

REFORMADOR - Queria reformá-los.

RAINHA - Erraste por isso.

REFORMADOR - Mas, as idéias deles eram erradas...

RAINHA - Erradas para ti. Para eles, não. Devias ter respeitado os princípios deles.

REFORMADOR - Não pense nisso.

RAINHA - Estás arrependido?

REFORMADOR - Muito.

RAINHA - Queres voltar?

REFORMADOR - Se me perdoassem...

RAINHA - Talvez.

REFORMADOR - Por que não me obrigas a voltar? És a Rainha.

RAINHA - A sua vontade deve ser respeitada.

REFORMADOR - É uma lição. (pausa). Tenho saudades de lá.

RAINHA - Então, voltarás.

REFORMADOR - Se eles me perdoarem.

RAINHA - Falarei com eles. Compreenderão, eu acho.

REFORMADOR - Faze o possível. Imploro-te.

RAINHA - (Pousa uma das mãos no ombro do Reformado, terna): Farei, tranqüiliza-te. (olha para os outros, que estão estáticos, espantados. Caminha ao encontro deles, um por um): Quem são?

REFORMADOR - Meus amigos da Terra.

RAINHA - (Chega-se à Flor): Quem és?

FLOR - (Temerosa): Eu sou a Flor.

RAINHA - (Vai ao Peixe): E você ?

PEIXE - (Medroso): O Peixe.

RAINHA - (Caminha ao Cão): E você ?

CÃO - (assustado): Sou o Lorde.

RAINHA - Lorde?

REFORMADOR - É um cão. Lorde é o seu nome.

RAINHA - (para o Cão): Pareces te orgulhar do teu nome.

CÃO - (mais à vontade): Gosto muito. Eu o escolhi.

RAINHA - (para o reformador): Parece-me que andaste trabalhando muito por aqui.

REFORMADOR - Reformei o que achei errado.

RAINHA - (vai ao Homem): Este não me parece contente.

HOMEM - (encabulado): Não muito.

RAINHA - E por que?

HOMEM - (aponta para o Reformador): Ele não me atendeu, ainda.

RAINHA - Espera e o conseguirás. (para a Flor): Que te fez o Reformador?

FLOR - Fez-me andante.

RAINHA - (para o Peixe): E a ti?

PEIXE - Fez-me vivo fora da água.

RAINHA - (ao Cão): Você me pareces muito contente.

CÃO - E estou. Livrei-me da muleta, tenho um dono e um nome. Ele é muito bom (aponta para o Reformador).

REFORMADOR - São todos bons amigos. É triste ter que deixá-los um dia

FLOR - Nós sentiremos muito.

PEIXE - Nem sei o que farei sem ele.

CÃO - (ao Homem): Que dizes?

RAINHA - (ao Homem): Que dizes?

HOMEM - Se ele não me reformar, pouco poderei lamentar.

RAINHA - (Caminha um pouco, até um canto do cenário, por onde entrou e por onde deverá sair. Vira-se e fala ao Reformador): Devo ir-me. Tranqüiliza-te. Farei o possível. (ao grupo): Se ele se for, vocês voltarão ao que eram. As reformas perdem seu efeitos. E os reformados retornam ao estado anterior. É o regulamento.

HOMEM - Pouco lamentarei.

PEIXE - Morrerei fora da água.

CÃO - Ficarei sem dono e aleijado. É muito triste...

REFORMADOR - (caminha para o canto oposto ao da Rainha. Está desolado. Começa a chorar).

- (Todos corem ao encontro do Reformador, para conformá-lo, menos o Homem).

RAINHA - Até breve! (sai)

FIM DO ATO I

SEGUNDO ATO

CENA I

(Homem, Leão).

(O Homem, sentado abaixo de uma árvore, está cantando, acompanhando-se ao violão. Depois de alguns minutos, o Leão entra. O Homem, ao vê-lo, correr a ocultar-se atrás da árvore, com medo).

LEÃO - (corre todos os cantos do cenário, como à procura de alguém. Não vendo quem procurava, abre os braços desolado)

HOMEM - (espreita-o, assustado).

LEÃO - (descobre o Homem e tenta aproximar-se).

HOMEM - Não se aproxime.

LEÃO - (dá mais dois passos).

HOMEM - Não se aproxime, já disse!

LEÃO - Está com medo?

HOMEM - Claro. Fala daí, de onde você está. Que você quer?

LEÃO - Falar com o Reformador.

HOMEM - Ele não está. Volta mais tarde.

LEÃO - Prefiro esperá-lo.

HOMEM - Cai fora!. Se não, tenho que ficar por aqui todo o tempo.

LEÃO - Não tenha medo. Não te farei mal.

HOMEM - Você é um leão.

LEÃO - Mas, não estou com fome.

HOMEM - De repente...

LEÃO - Não há perigo, já te disse.

HOMEM - Bem... Dá a sua palavra?

LEÃO - Palavra!

HOMEM - (ainda temeroso, chega-se ao Leão): Que você quer do Reformador?

LEÃO - É com ele.

HOMEM - Não posso saber? Afinal sou amigo dele...

LEÃO - Os amigos não resolvem. Quero falar com ele.

HOMEM - (volta a sentar-se sob a árvore e começa a dedilhar no violão): Está bem. Logo virá.

LEÃO - (Vai a um canto do cenário, logicamente no lado oposto em que os atores costumam entrar e sair de cena. Senta-se).

CENA II

(Homem, Leão, Flor, Peixe, Cão)

- (Entram, cantarolando, a Flor, o Peixe e o Cão, este sempre desafinado. Não percebem a presença do Leão. Ficam de costas para ele e cantam juntos com o Homem).

- Depois de alguns segundos. -

LEÃO - Como é, o Reformador vem ou não?

- (Os três olham para o Leão, indiferentes, pois ainda não perceberam que se trata de um leão).

CÃO - Logo virá. (aí, olha-o detidamente, percebendo que se trata de um leão): Um leão!

- (Os três dão um salto e põem-se a tremer. O Homem continua dedilhando).

FLOR - Que você quer?

LEÃO - Falar com o Reformador.

PEIXE - Não sei se ele falará contigo.

LEÃO - Por que?

PEIXE - Ele vai ficar com medo de você.

HOMEM - Não é perigoso.

CÃO - (cheio de pavor). Mas é um leão.

FLOR - E tem cara feia.

LEÃO - (ergue-se e tenta aproximar-se).

PEIXE - Não se aproxime.

HOMEM - Não lhe fará mal.

FLOR - Não creio.

LEÃO - (aproximando-se): Ora, não estou com fome.

- (A Flor e o Peixe escondem-se atrás da árvore. O Cão quer fugir mas não consegue).

CÃO - Não posso correr. Tenho as pernas presas.

HOMEM - Não seja covarde.

LEÃO - Vou provar-te que não faço mal.

CÃO - Não, não venha. Por favor...

PEIXE - (atrás da árvore): Corre, Lorde.

FLOR - Ele te comerá todinho.

CÃO - Por favor, sai daqui.

LEÃO - (bem próximo): Não te farei mal, você verá.

- (O leão, já à frente do Cão, toca suavemente em seu ombro. O Cão, joga-se ao chão e põe as pernas para o ar, por alguns segundos.

LEÃO - (afasta-se um pouco): Se eu quisesse devorar você, já o teria feito.

CÃO - (ergue-se, lentamente): É mesmo. Você não é mau...

- (A Flor e o Peixe, mais aliviados, chegam-se ao grupo).

HOMEM - (aponta para a Flor e o Peixe): Não me parecem bons amigos.

LEÃO - Quem?

HOMEM - Esses dois.

FLOR - Somos amigos.

PEIXE - Claro.

HOMEM - Se fossem, não deixariam o Cão sozinho.

CÃO - Ora, não foi por mal...

HOMEM - Os amigos são para as horas difíceis.

LEÃO - Esta é uma verdade.

CÃO - Eu os compreendo.

FLOR - (triste): Tens razão. Homem. Falhamos.

PEIXE - (ao Cão): você nos perdoa?

CÃO - Não há o que perdoar.

LEÃO - E quando é que o Reformador chega, afinal?

HOMEM - Logo, já te disse.

FLOR - O que te traz aqui?
LEÃO - Assunto particular.
PEIXE - Seja lá o que for, se falar assim com ele, nada conseguirá.
CÃO - Isso é verdade. (mostra-se ainda com medo do Leão).
HOMEM - Eu que o diga!
FLOR - Para ter uma idéia, o Homem ainda não conseguiu ser reformado.
LEÃO - Não deve tê-lo sabido convencer.
HOMEM - Palavras não adiantam.
CÃO - Você deve provar que é amigo.
FLOR - E isso é um pouco difícil.
LEÃO - Se ou não fosses amigo, já teria devorado todos vocês.
CÃO - Isso é verdade.
HOMEM - (ao Cão): Não falas outra coisa, agora?
PEIXE - Que acontece com o Lorde?
HOMEM - Quebrou o disco. Isso é verdade, isso é verdade...
CÃO - Isso é verdade.
HOMEM - Bolas!
LEÃO - O que me importa é logo ver o Reformador.
FLOR - Logo virá.

CENA III

(Reformador e os demais)

- (O Reformador entra, cabisbaixo)
PEIXE - (apontando para o Reformador): Olha ele aí.
LEÃO - (corre ao Reformador): Preciso de você.
REFORMADOR - Quem você é?
CÃO - Não tem medo dele?
REFORMADOR - Não sei quem é. Quem você é?
LEÃO - Sou um leão.
FLOR - Rei dos animais.
PEIXE - O mais forte de todos.
LEÃO - (entristece-se): Antes fosse.
REFORMADOR - E por que não?
LEÃO - Sou um leão fracassado.
HOMEM - É a primeira vez que vejo um leão fracassado
LEÃO - Pois sou,
REFORMADOR - Que você quer de mim?
LEÃO - Que me reformes.
(Todos se olham admirados).

REFORMADOR - Não me peças nada. Conta-me a tua história e deixa que eu descubra o que você pretende.

HOMEM - É o tal regulamento.

FLOR - E como você sabe que ele é teu amigo?

REFORMADOR - Conheço a fama dos leões. Se esse não fez mal a nenhum de nós, logo é amigo.

LEÃO - Falaste certo.

PEIXE - Bem que nos assustou.

REFORMADOR - Fala. Mas, só a história.

LEÃO - Na selva onde eu moro, há três leões. Um deles será o rei. O mais forte. Marcou-se uma luta. O vencedor será coroado.

REFORMADOR - E qual é o teu problema?

LEÃO - Sou o mais fraco dos três.

REFORMADOR - É fácil adivinhar o que pretendes. Ser forte.

LEÃO - Isso.

CÃO - É verdade...

HOMEM - Não te esqueças que as suas reformas não terão mais efeito se você for embora.

REFORMADOR - (abaixa a cabeça, triste): Sim, eu sei...

FLOR - Ora, homem, não entristeça o Reformador.

PRIXE - Você é imprudente.

CÃO - Se eu pudesse, dava-te uma mordida.

HOMEM - Está bem, não devia... Desculpe-me.

LEÃO - E então?

REFORMADOR - Não sei... Se eu partir, você será deposto. É o regulamento.

HOMEM - Bolas! Diabo de regulamento.

FLOR - Por que você não arisca, pequeno? Talvez...

PEIXE - Sim, talvez a sua rainha resolva...

CÃO - Seria bom, seria bom...

HOMEM - (para o Cão): Arre! Até que enfim, mudaste o disco.

REFORMADOR - Deixa-me pensar. (senta-se, põe as mãos na cabeça, como se estivesse meditando)

- Os outros põem-se a torcer.

LEÃO - (implorando): Resolve.

REFORMADOR - (volta a ficar de pé): Gostaria que você fosse o rei da tua selva.

- (Todos, menos o Homem, dão vivas de alegria e põem-se a brincar de roda).

HOMEM - Só eu não tenho sorte. (param de rodar).

REFORMADOR - (ao Homem): Tenho pena de você. É o mais infeliz.

HOMEM - Quem fala! Você é o culpado. Não me atende...

REFORMADOR - Mas, o regulamento...

HOMEM - (irritado): Que se amole o regulamento. Esqueça-o!

REFORMADOR - Você sabes que eu não posso.

HOMEM - Faz uma semana que estamos aqui. E nada! Você e teu regulamento...

FLOR - Espera.

PEIXE - Que impaciente você é.

HOMEM - Ora, vão para o diabo! Vocês estão satisfeitos, eu não.

REFORMADOR - Ta vendo, você não é tão amigo como diz.

PEIXE - Os amigos devem perdoar os erros. Como o Lorde fez comigo e com a Flor.

CÃO - Isso é verdade!

HOMEM - (põe-se de pé, raivoso. Para o Cão): Cala essa boca, Lorde!

CÃO - (Dá um salto e morde a traseira do Homem, que dá pulos de dor).

REFORMADOR - Por que você mordeu o Homem? Não devias.

CÃO - Insultou-me. E a você também.

LEÃO - Depois, o perigoso sou eu.

FLOR - Ora, Lorde. Você foi longe demais.

PEIXE - Pede-lhe desculpas.

CÃO - (cabisbaixo): Desculpe-me.

HOMEM - (apalpando, com caretas, o lugar mordido): Não foi nada. Fui o culpado. Afinal, somos amigos...

REFORMADOR - Gostei de te ouvir. Começa a provar que é amigo.

LEÃO - E eu, que devo fazer?

REFORMADOR - Vai. Participa da luta. Você será o vencedor.

LEÃO - (apressado): Até breve, turma! (sai) Todos - Até breve!

- Pequena pausa.

HOMEM - Não tiveste medo dele?

REFORMADOR - Não. Logo percebi que era um leão covarde.

FLOR - Você conhece as pessoas.

REFORMADOR - Procuro conhecê-las, pelo menos agora. Antes não pensava assim. Não teria deixado o meu mundo. (Caminha triste e senta-se em baixo da árvore).

PEIXE - Ora, pequeno. Logo a rainha virá e você do voltará a ser como antes.

REFORMADOR - Por isso é que sofro. Também você voltará a ser como antes. E a Flor... E o Cão...

HOMEM - Menos eu. Nunca saio disto. (mostra as roupas maltrapilhas).

REFORMADOR - (estala os dedos): Já sei! Queres uma roupa nova!

HOMEM - (desolado): Qual nada. Quero mais. Uma roupa nova logo seria velha.

FLOR - Você é ambicioso.

PEIXE - Isso é mau.

CÃO - Deixem-no. Ele é como é.

REFORMADOR - Se houvesse um meio para livrar todos do regulamento...

HOMEM - Agora, sim. Pensas como um sábio.

CÃO - O meu dono é um sábio.

FLOR - Talvez houvesse um meio...

PEIXE - E se falássemos com a rainha?

REFORMADOR - Não adiantaria. Também não depende dela.

HOMEM - Com teus superiores.

REFORMADOR - A rainha é a superiora.

CÃO - Nesse caso, ela poderá resolver.

REFORMADOR - O regulamento é superior à rainha

HOMEM - Claro está que você é que não quer resolver.

REFORMADOR - (irritado): Não sejas bobo. Quero vocês mais que a mim mesmo. Se a minha morte resolvesse...

FLOR - (chega-se ao Reformador e segura-o no rosto): A morte nunca resolve nada. Queremos você como você é, bem vivo, mesmo que seja muito longe daqui.

CÃO - Isso é verdade.

HOMEM - Insuportável.

PEIXE - O que resolverá será a nossa compreensão. Paciência.

FLOR - Sim, compreendemos a situação.

HOMEM - Mas, deve haver um jeito...

PEIXE - Também acredito que sim.

CÃO - Isso é... Ou melhor... É muito certo...

- Põem-se todos a pensar.

CÃO - Tenho uma idéia!

REFORMADOR - Diga!

CÃO - Se mantiveres as formas até a hora da partida, elas perderão o efeito, certo?

REFORMADOR - Certo!

CÃO - Voltaremos a ser como antes da tua reforma?

REFORMADOR - Isso.

CÃO - Então, vou contar o meu plano.

- (Todos se reúnem num canto, em confidência)

FIM DO ATO II

TERCEIRO ATO

CENA I

(Homem, Reformador).

-(O Homem está deitado no chão. O Reformador, de costas para o público, olha para cima da árvore).

REFORMADOR - Já viste?

HOMEM - O que?

REFORMADOR - Nesta árvore. Dois bichinhos esquisitos.

REFORMADOR - Não sei... São esquisitos.

HOMEM - O que eles têm de esquisito?

REFORMADOR - Um é verde. O outro é azul.

HOMEM - tem o bico redondo?

REFORMADOR - (procura ver melhor): Sim, (ri) Engraçado...

HOMEM - São periquitos.

REFORMADOR - Dormem encostados um no outro.

HOMEM - Aquecem-se.

REFORMADOR - O luar faz brilhar a roupa deles.

HOMEM - (ri): Não é roupa.

REFORMADOR - Não? E o que é?

HOMEM - São as penas. Assim como o cão é coberto de pêlos, eles são de penas.

REFORMADOR - Ficam muito bonitos sob o luar. (pausa) Será que precisam de reforma?

HOMEM - Oh, não. Eles são perfeitos.

REFORMADOR - (chega-se ao Homem. Deita-se ao lado dele): Você mora numa árvore?

HOMEM - Numa árvore? Claro que não!

REFORMADOR - Pois você devia morar numa árvore. Veria as estrelas.

HOMEM - Daqui de onde estou, vejo as estrelas. E daí?

REFORMADOR - Não é como vê-las de nossa casa. Onde eu moro, não se vê as estrelas. Somos cobertos por eterno nevoeiro. É triste.

HOMEM - Ora, não te lamentes. Onde eu moro posso ver as estrelas, tantos são os buracos.

REFORMADOR - A sua casa é furada?

HOMEM - Completamente. É um buraco feito com tábuas de caixotes e coberto com folhas de zinco. O zinco está velho e os buracos são muitos.

REFORMADOR - Pobre homem. Queres uma casa nova?

HOMEM - De que me valerá se não tenho dinheiro?

REFORMADOR - Dou-te dinheiro. Reformo-te.

HOMEM - Não, obrigado, De nada adiantará. Não estou preparado para a riqueza...

REFORMADOR - Como você está mudado, Nem parece aquele que conheci há dez dias.

HOMEM - Aprendi muito contigo.

REFORMADOR - E ficarás assim, pobre?

HOMEM - Vou me arranjando. Depois, pretendo procurar um emprego. Aí a coisa melhora.

REFORMADOR - Queres um emprego? Posso te dar.

HOMEM - Não. Quero encontrá-lo com meu próprio esforço. Não tem valor o que se ganha sem esforço.

REFORMADOR - Tens razão. (ergue-se): Vamos brincar de amarelinha?

HOMEM - Como? Brincar de amarelinha?

REFORMADOR - Isso mesmo, vamos?

HOMEM - Ora, pequeno... Eu já não estou na idade de...

REFORMADOR - Pois você está enganado. Nunca é tarde para se brincar de amarelinha.

HOMEM - Não ficaria bem. O que diriam os outros?

REFORMADOR - Não diriam nada. Ficariam contentes de te ver brincar comigo.

HOMEM - Está bem. (ergue-se): Mas, previno você, não me lembro mais como é esse negócio.

REFORMADOR - Eu te faço lembrar.

HOMEM - E você sabe?

REFORMADOR - Vi algumas crianças brincando. Aprendi. É fácil.

HOMEM - Bem... Nesse caso...

REFORMADOR - (começa a riscar o chão): Você não brincas com crianças/

HOMEM - Oh, não. Não conheço muitas...

REFORMADOR - E as poucas que você conheces?

HOMEM - Não se atreveriam.

REFORMADOR - (terminando de riscar): Credo! Por que?

HOMEM - Chamam-me de Zé Sujeira. Quando eu passo, jogam-me pedras. Você foi o primeiro menino de quem eu pude me aproximar. Por isso, gosto de você.

REFORMADOR - Preciso de uma pedra.

HOMEM - (assusta-se): Oh, não!. Você também?

REFORMADOR - (emocionado, corre ao Homem, abraçando-o): Não, não. Não é para atirar em você. Nunca! É para o nosso jogo.

HOMEM - Puxa, que susto você me deu. Pensei...

REFORMADOR - Não, amigo. Nunca faria uma coisa dessas.

HOMEM - Ali está uma (aponta para o chão).

REFORMADOR - (corre a apanhá-la): Esta serve.

HOMEM - Então, vamos começar. Você primeiro.

REFORMADOR - Não, você .

HOMEM - Você esqueceu que eu não me lembro?

REFORMADOR - Tens razão. Então, eu começo. (começa a pular).

HOMEM - Agora, estou me lembrando. É fácil.

REFORMADOR - (pulando): Os jogos das crianças são sempre fáceis.

HOMEM - Gosto de ver você contente.

REFORMADOR - Não estou muito. Procuro esquecer a tristeza.

HOMEM - Errou. Você pisou na grama.

REFORMADOR - (passa a pedra ao Homem): Viu como te lembras?

HOMEM - (pulando): Por que você está triste?

REFORMADOR - Hoje é o dia.

HOMEM - Dia?

REFORMADOR - A minha rainha deverá voltar.

HOMEM - Devias estar alegre.

REFORMADOR - Mas não estou. Se ela conseguiu...

HOMEM - (ainda pulando): Conseguiu o que?

REFORMADOR - Convencer os de lá. Terei de voltar.

HOMEM - Errei. Agora és você .

REFORMADOR - (começa a pular): Não gostaria. Mas, as saudades...

HOMEM - Lá é o teu mundo.

REFORMADOR - Mas, aqui fiz amigos.

HOMEM - Que continuarão teus amigos.

REFORMADOR - (pára de pular, caminha a um canto, sob os olhares surpresos do homem).

HOMEM - Que tens? E a amarelinha?

REFORMADOR - Não quero mais. Estou muito triste.

HOMEM - Não há razão para tanta tristeza.

REFORMADOR - Pensa você . As reformas perderão o efeito...

HOMEM - (chega-se ao Reformador, carinhoso): Ora, vamos. O plano do Cão vai dar certo. Foi uma boa idéia.

REFORMADOR - Não sei. Tenho as minhas dúvidas.

HOMEM - Pois eu não. Tudo dará certo!

REFORMADOR - Você fala assim para me contentar. Eu sei.

HOMEM - É a verdade. Tenho certeza do sucesso.

CENA II

(Homem, Reformador, Cão)

CÃO - (entrando, todo feliz): Olá, tudo bem?

HOMEM - Não muito. O pequeno está triste.

CÃO - (aproxima-se do Reformador): Não há razão. Todos nós estamos contentes.

REFORMADOR - Hoje, vou-me embora. A rainha deve ter conseguido.

HOMEM - Conseguiu, sim. E ficarás feliz revendo seus amigos.

CÃO - Isso é verdade.

HOMEM - (ríspido): Olha aqui, seu vira-lata. Não me venha mais com essa mania de “isso é verdade, isso é verdade”...

REFORMADOR - Deixe-o

HOMEM - Isso me irrita.

CÃO - Isso é verdade.

HOMEM - (tenta avançar contra o Cão, mas este lhe mostra os dentes, rosnando).

REFORMADOR - Viu? Ele acaba te mordendo outra vez.

HOMEM - Bem, isso é verdade.

REFORMADOR - Também você?

HOMEM - (ri): Saiu sem querer. É pior que caxumba. Pega.

CÃO - Isso é... Bem, isso é um fato.

- (Os três explodem em gargalhadas, com o Cão rolando pelo chão de tanto rir. Nessa movimentação, o Cão prende a cauda num dos braços. Quando se põe de pé, dá com a suposta falta do rabo).

CÃO - (olha para trás de si e não vê o rabo): Socorro, roubaram o meu rabo! Socorro! Socorro!

REFORMADOR - (rindo à beça): O teu rabo está preso no braço. Lorde.

CÃO - (encabulado, desata a cauda do braço).

CENA III

(Homem, Reformador, Cão, Flor, Peixe).

- (O Peixe e a Flor entram, surpreendendo toda a folia).

PEIXE - Muito bem. Mostrem-se alegres.

FLOR - É bom sinal!

HOMEM - Só mesmo o Lorde para fazê-lo rir. (aponta para o Reformador).

REFORMADOR - Também, doido desse jeito...

FLOR - Que te fazia triste?

REFORMADOR - A minha provável partida.

PEIXE - Voltarás para o teu mundo.

REFORMADOR - Aprendi a gostar daqui, apesar de também querer voltar.

HOMEM - Pelos amigos?

REFORMADOR - Sim. Pelos amigos, penso em voltar.

PEIXE - A vida é assim mesmo.

REFORMADOR - Não se pode ter o sol e as estrelas ao mesmo tempo. São opostos. O dia apaga as estrelas.

CÃO - E a noite as acende.

REFORMADOR - Então, de dia temo o sol e pensamos nas estrelas. À noite, temos as estrelas e pensamos no sol.

FLOR - Irás para os teus amigos de lá, mas não deixarás de pensar em nós.

REFORMADOR - Nunca. E quando cada um pensar em mim, se firmar bem o pensamento, ouvirá a minha voz, sentirá o meu abraço... (põe-se a chorar).

HOMEM - (corre ao Reformador, abraça-o): Oh, não chores meu pequeno. Algum dia, quem sabe, estaremos contigo, lá no teu mundo.

CÃO - Serei teu cão novamente.

FLOR - E eu tornarei a enfeitar a sua vida.

PEIXE - Só poderei te fazer companhia.

- (Pequena pausa) -

HOMEM - Por onde andará o Leão?

FLOR - Teria vencido a luta?

CÃO - Acho que já é o rei. Há muito que não o vemos.

CENA IV

(Leão e os demais)

- (Mal o Cão acaba de falar, entra o Leão)

LEÃO - (exultante): Ora, viva os meus amigos!

CÃO - (dá um pulo de susto e joga-se ao chão de pernas para o ar): Não me comas, não me comas.

HOMEM - (ri): Você é um boboca. Não vê que é nosso amigo?

CÃO - Pensei que fosse outro. São todos iguais...

REFORMADOR - E então? Como você se saiu?

LEÃO - Maravilhosamente. Quando chegou a minha vez de lutar, pensei em você. Foi o bastante. Na primeira patada, pus meus adversários fora de combate.

FLOR - Que ótimo! Então, você é o rei?

LEÃO - (orgulhoso): Sou o rei da minha selva.

PEIXE - Pensávamos que não você não viria mais.

LEÃO - Ora, como poderia esquecer os meus amigos?

FLOR - Demoraste tanto...

LEÃO - Tinha umas leis para assinar, alguns decretos para estudar... A nomeação dos meus ministros...

Cão - Puxa, trabalho prá burro!

REFORMADOR - Prá burro, não. Prá Leão.

- (Todos riem).

PEIXE - Estás feliz?
LEÃO - Muitíssimo.
REFORMADOR - Eu também. Só espero que o plano do Lorde dê certo.
CÃO - Dará, tenha certeza.
HOMEM - Claro!
REFORMADOR - Daqui a pouco saberemos. Está chegando a hora.
FLOR - Que bom estarmos todos juntos.
PEIXE - É verdade.
HOMEM - Vamos comemorar?
CÃO - O que, desta vez?
HOMEM - A nossa felicidade.
FLOR - Boa idéia.
REFORMADOR - Cantando.
PEIXE - Eu topo.
HOMEM - Então, vou apanhar o meu violão. (sai, a fim de pegar o violão).

- (Os outros sentam-se em círculo. O Homem retorna, e senta-se entre eles. Estão alegres).

CENA V

(Rainha e os demais).

- (Estão ainda cantando. A Rainha entra, suavemente, sem ser vista. Aproxima-se do grupo. Bem perto, o Reformador a avista)

REFORMADOR - (ergue-se, lentamente, e põe-se aos pés da Rainha).
RAINHA - Ergue-te. Como vais?
REFORMADOR - (ergue-se): Bem, eu creio.
RAINHA - (olha para os outros, que estão ainda sentados, imóveis): E os teus?
REFORMADOR - Todos bem.
RAINHA - Trago-te notícias.
REFORMADOR - Esperava-as.
RAINHA - Perdoaram-te. Podes voltar.

- (Os outros ficam de pé, dando vivas às novas trazidas pela Rainha. Correm a cumprimentar o Reformador, que não parece ter ficado muito satisfeito com a notícia).

HOMEM - Meus parabéns, pequeno! Merecias.
FLOR - Sinto que você vai embora, mas estou feliz por você.
RAINHA - Vejo que deixarás bons amigos.

REFORMADOR - É esta a minha tristeza.

CÃO - (emocionado): Nem posso falar.

RAINHA - Tenho-te outra novidade. Mas, eles deverão provar-me que são teus amigos sinceros.

REFORMADOR - Como, assim?

RAINHA - Se todos eles provarem lealdade a você, à tua amizade, você poderás visitá-los a cada lua nova. Caso contrário, irás para sempre. É uma parte do regulamento que não conhecias.

HOMEM - Pois que seja respeitado o regulamento. Anda, põem-nos à prova.

FLOR - Estou disposta.

PEIXE - E eu também.

CÃO - Estou sempre disposto.

LEÃO - Posso falar?

REFORMADOR - Claro. E por que não falavas?

LEÃO - Porque não fui apresentado à essa senhora (aponta para a rainha).

REFORMADOR - Oh, Leão, perdoa-me. Agora me lembro, você não estava aqui quando ela veio da primeira vez.

CÃO - Não, ele não estava.

REFORMADOR - Então, esta é a minha Rainha (aponta para o Leão).

LEÃO - Agora, sim. Bem, eu acho que todos nós devemos grandes coisas ao Reformador. Por isso, faremos o possível para provar nossa amizade, a fim de que ele possa se mais feliz.

FLOR - Apoiado.

PEIXE - Palavras de rei.

HOMEM - Então, comecemos. Que quer que se faça.

RAINHA - (ao Homem): Começarei por ti, que tanto te queixaste da outra vez. Tenho mais poderes que o pequeno Reformador. Por isso, tornar-te-ei o mais rico dos homens se renegares a amizade do Reformador.

HOMEM - (indignado): Se és mesmo rainha, carrega todo o teu ouro para o teu palácio. Prefiro a pobreza a ter que desprezar esta amizade.

RAINHA - Pois bem. (vira-se para a Flor): E você , trocas a condição da mais bela flor deste mundo pela amizade do pequeno? Lembra-se és feia e sem perfume. E continuarias andante.

FLOR - Pois me deixe para sempre imóvel, mas num lugar onde eu possa ver o céu. Lá encontrarei os olhos do meu pequeno. Ë o bastante.

RAINHA - (para o Leão): Você , então, é um leão medíocre. Voltarás a ser covarde quando o pequeno se for. Queres dominar todas as selvas do mundo? Recusa o pequeno Reformador?

LEÃO - Que me tornes prisioneiro de uma lagarta. Nunca o deixarei.

RAINHA - (para o Peixe): Serás o senhor dos mares. Governarás os oceanos.

PEIXE - Prefiro morrer à seca.

RAINHA - (ao cão): Serás o príncipe dos cães. Teu dono será um rei e você a moradia um castelo. Terás escravos para teu uso. Serás eterno.

CÃO - Deus me fez fiel ao homem. Que me faças morrer à míngua. Sem dono, sem nome. Terei a recompensa de ter sido o cão de uma bondosa criança, o meu pequeno Reformador.

RAINHA - (caminha um pouco): Meu pequeno Reformador. A amizade dos teus me surpreende. Está acima das ambições. Considera-te feliz.

REFORMADOR - (exultante): Então, poderei voltar sempre?

RAINHA - Em toda lua nova.

- (Todos comemoram a notícia, de modo expressivo, com cantorias, vivas, saltos, danças, etc.).

RAINHA - Um momento! Está na hora da partida.

PEIXE - Você voltará sempre.

FLOR - Estarei sempre te esperando.

CÃO - Aguardarei a tua chegada.

HOMEM - Já estarei trabalhando, se Deus quiser. Poderei comprar balas e doces para ti.

LEÃO - Trarei outros animais para vocêconhecer. Serão teus amigos.

REFORMADOR - (comovido): Tenho que me despedir. Mas, estou alegre. A cada lua nova, aqui estarei, junto de todos.

RAINHA - Vamos. E não te esqueças de avisá-los sobre o regulamento. As reformas perderão os efeitos e eles voltarão a ser como antes.

REFORMADOR - Eles já sabem. (vai à Flor): Até breve. Logo nos veremos.

FLOR - Que Deus te acompanhe.

REFORMADOR - (vai ao Peixe): Até logo, amigo.

PEIXE - Até... (começa a chorar).

REFORMADOR - (ao Leão): Felicidades no teu reino.

LEÃO - Com a tua ajuda.

REFORMADOR - (ao Homem): Terei saudades de ti. Você é muito bom.

HOMEM - (Vai ao Cão e abraça-o): Lorde, nem sei o que te dizer. Se eu pudesse levaria você comigo.

CÃO - Continuo sendo teu, aqui, deste mundo.

REFORMADOR - Bem, amigos, até uma outra vez.

CÃO - (sussurrando): O plano, não te esqueças.

REFORMADOR - Ah, sim. Gostaria que todos ficassem como antes, quando eu vos encontrei (sai em companhia da rainha).

- (O Peixe põe-se a debater-se. A Flor fica completamente imóvel. O Homem deita-se, a bocejar. O Leão encurva-se, como um covarde. O Cão cai ao solo, por não poder manter-se sem a muleta).
- Segundos depois -
- (De repente, todos ficam imóveis, por segundos, silentes. Depois, a um salto só, põem-se de pé. Todos estão novamente perfeitos, como quando reformados).

HOMEM - Deu certo!

FLOR - Sim. A esta hora, o Reformador já deve ter saído da atmosfera (olha o alto).

PEIXE - Vejam, eu continuo respirando mesmo fora da água.

CÃO - E eu não estou mancando.

LEÃO - Confesso sentir-me novamente corajoso.

FLOR - (para o Cão): Como tiveste a idéia do plano?

CÃO - Muito fácil. O regulamento é assim. Todas as reformas do pequeno perderiam seus efeitos, certo?

TODOS - Certo.

CÃO - Se nós estivéssemos assim, como agora, ficaríamos o contrário, certo?

TODOS - Certo!

CÃO - Logo, o regulamento faz com que tudo volte à forma anterior da última reforma. O pequeno reformando-nos ao contrário, na hora da sua partida, deixando-nos com todos os defeitos...

PEIXE - Quando ele se fosse...

HOMEM - Voltaríamos a ser como antes da última reforma.

LEÃO - Com as reformas primeiras.

HOMEM - Mas, eu não fui reformado.

FLOR - Não? E a você a disposição ao trabalho? E o teu novo modo de pensar?

HOMEM - (pensativo): Tens razão.

LEÃO - (olhando para o céu): Vejam, dois pontinhos de luz lá longe.

PEIXE - São eles. O Reformador e a Rainha.

FLOR - Estão se afastando.

CÃO - Vamos acenar? Será que eles podem ver a gente?

HOMEM - Claro. Eles nos veem com o coração.

- (Todos se põem a acenar em direção ao céu).

FIM